

Meu nome é Fábio Eberlin, professor de Matemática na escola Francisco Antunes Filho, em Guarulhos, São Paulo. Em 2019, através do Consulado Geral do Japão recebi a oportunidade de cursar o programa de treinamento de professores oferecido pelo MEXT. A universidade escolhida foi a Universidade de Toyama, sob a orientação do Professor Tadayuki Kishimoto, cujo campo de pesquisa é Educação Matemática.

Esse curso não foi minha primeira oportunidade de residir e conhecer o sistema educacional do Japão. Em 2018, através da relação entre a Província de Toyama e o Estado de São Paulo, tive a oportunidade de estagiar entre junho e novembro daquele ano, na escola de ensino fundamental (小学校-1º ao 6º ano) Nomura, situada na cidade de Takaoka, onde existe uma grande concentração de residentes brasileiros. E claro, através dessa oportunidade, já pude experienciar o que seria morar no Japão.

Mas retornando ao tópico, que deveria ser um depoimento sobre minha experiência na universidade Toyama. Ao chegar em Toyama, fui recebido no aeroporto por quem seria meu tutor nos primeiros seis meses de curso. A função do tutor é auxiliar o estudante estrangeiro em relação a documentação, adquirir número de telefone, etc. E agradeço muito ao Numada-san por ter me auxiliado nesses primeiros dias. Como moradia, nos primeiros seis meses, residi no dormitório destinado aos alunos estrangeiros da universidade de Toyama, e para meu azar, estava completamente lotado, por isso, acabei ficando nos alojamentos destinados a casais – o que dificultou a renovação do aluguel.

Em relação à universidade, nos primeiros seis meses, tive aulas de japonês, aulas que permitiram conviver com alunos estrangeiros, o que sempre é um bônus quando se fala em estudar no exterior, assim como melhorar meu japonês. Junto com essas aulas, haviam as apresentações dos alunos de terceiro ano e quarto ano, que ocorriam na sala de pesquisa do Professor Kishimoto – aqui era onde o curso realmente se desenvolvia. Nesses seminários, tive a oportunidade de conhecer melhor a visão que futuros professores no Japão têm, e que métodos utilizam.

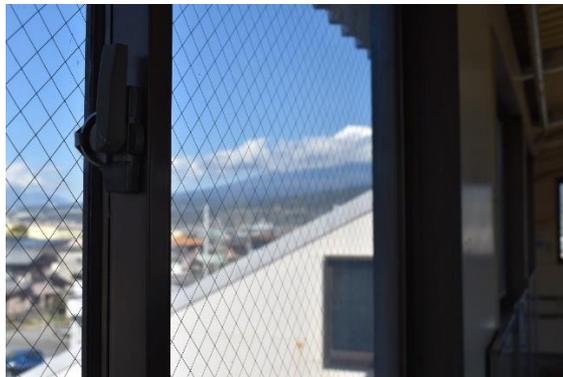
Mas a universidade não é apenas local para estudar, mas também para troca de experiências e convívio com outras nacionalidades, assim como japonês – um conselho a quem for a qualquer programa de estudo no exterior, não só no Japão: busque os Centros de convívio internacional da universidade. É um dos melhores lugares para se conhecer pessoas e realmente conhecer a região que você está. Na universidade de Toyama, principalmente quando estava estudando para as aulas de japonês, o fazia nesses centros, pois haviam muitas oportunidades de utilizar o idioma japonês real – não apenas o que se aprende no ambiente controlado de uma sala de aula. Portanto, busque centros internacionais!



Círculo Partners, da universidade de Toyama – Jogo de Badminton

Os primeiros seis meses foram bem proveitosos, em todos os aspectos. Convivência, estudos, observação de aulas (na escola de ensino fundamental ligada ao departamento de desenvolvimento humano da universidade de Toyama), etc. Pude experienciar tradições como pegar a primeira sorte do ano, etc. Infelizmente (ou felizmente, dependendo do gosto pessoal) o inverno de 2019-2020 não nevou muito, houve apenas duas nevascas em fevereiro. Mas durante janeiro, as notícias em relação ao novo coronavírus começaram a crescer em intensidade. Naquele momento, jamais passou pela cabeça que isso tomaria as proporções que tomou.

Nas férias de primavera (Março-2020), fiz uma viagem por vários pontos do sul e sudeste da ilha de Honshu, utilizando o famoso bilhete 18 (18きっぷ) que é um bilhete especial que é vendido as vésperas das férias estudantis dos universitários e permite utilizar qualquer trem normal da Japan Railways durante o dia todo em cinco dias (distribuídos da forma que quiser), foi nessa viagem que descobri meu gosto por fotografias... Mas nessa viagem a ameaça do vírus já era uma constante, tendo que utilizar máscaras todos os dias, principalmente em Tóquio, Nagoya, Osaka...e claro, nos trens. Nessa viagem pude realizar um dos meus desejos de parar em várias estações e fotografar o Fuji-san de diversos ângulos diferentes, quando viajei de Tóquio para Nagoya, o céu estava sem núvens para ajudar!



Fuji-san visto da ponte da estação Higashitago no ura, Província de Shizuoka

Em relação ao coronavírus, viver uma pandemia em um país estrangeiro foi, ao contrário do que possa parecer, uma das experiências mais interessantes que já passei. Em primeiro lugar, me forçou a acompanhar as notícias diariamente – o que é ótimo para desenvolver a habilidade no japonês. Segundo, aprendi a importância do uso de máscaras. E, terceiro, pude de certa forma, me reconectar com antigos desejos, como o de tocar algum instrumento musical. Porém, em relação as aulas, não poder assisti-las in loco foi um grande problema. Além disso, havia escolhido algumas aulas específicas para observar, no entanto, como essas aulas passaram a ser apenas escrever relatórios, meu orientador preferiu que eu não as cursasse e focasse na minha pesquisa. Nesse ponto, foi um grande desperdício, pois oportunidades de observar aulas específicas de formação de professores no Japão seria um aprendizado imenso. Nesse período, os seminários na sala de pesquisa do professor Kishimoto continuaram, e foi quando realmente comecei a dar forma à minha pesquisa.



Apresentação do 70º concerto anual do Instituto de Música de Toyama

Centro de Cultura e Educação de Toyama (富山県教育文化会館)

Um outro conselho em relação ao estudo no exterior: dependendo do tempo que for viver no exterior, o ideal é que se crie vínculos no local para que realmente haja um aproveitamento da oportunidade. O estudo no exterior não é apenas o estudo em si, mas uma parte da sua vida no exterior, portanto, se envolva com a sociedade em que você está inserido. No meu caso, voltando ao estágio de 2018, durante esse tempo, tive a oportunidade de ajudar no grupo de voluntários ALECE, que auxilia alunos com raízes estrangeiras nos estudos escolares. Nesse estágio havia sido uma obrigação (durante um mês, mas acabei, por vontade própria, continuando até o fim do estágio), e ao voltar a Toyama, mesmo estando em outra cidade, todo sábado ia a Takaoka para continuar a auxiliar nesse projeto. Se alguém for a Toyama nesse treinamento de professores, aconselho procurar a Aoki-sensei, que é uma das lideranças do ALECE. A troca de informações com ela será de extremo valor!

Em relação ao Centro Internacional, existe na Universidade de Toyama um círculo chamado Partners, que é de alunos japoneses com interesse em conviver e trocar experiências com alunos estrangeiros. Mesmo durante a pandemia o grupo ofereceu eventos como chat em Inglês-Japonês e via Zoom. Além disso, como Toyama é uma cidade de interior, os casos de coronavírus nunca atingiram níveis alarmantes, apesar de um grande crescimento em abril de 2020, o que permitiu alguns eventos esportivos e até mesmo trilhas. Sou grato a esse grupo, e espero continuar a manter contato com eles, na medida do possível.



Trilha com o pessoal do Partners. Província de Toyama

E claro... o inverno de 2020-2021... tivemos a maior nevasca do século 21 em Toyama. Sendo sincero, foi uma experiência única – e para mim, inverno sem neve já não é mais inverno. Mas os problemas que a neve causa são imensos... Toyama não é um lugar frio, temperaturas atingiam pouco menos que 0°C, porém, a quantidade de neve que cai ali é realmente extraordinária. Apesar que dizem que Toyama passa anos com invernos similares aos de 2019-2020, com pouca neve, e anos onde cai neve como se ela estivesse sendo acumulada durante esses anos de pouca neve. Enfim... ter aulas canceladas por causa da neve foi... interessante.



Universidade de Toyama – mais de 1 metro de neve de cada lado.

Em fevereiro, fiz a apresentação da minha pesquisa, a primeira vez que discursi em japonês em algo a nível acadêmico. Sobre minha pesquisa, tinha antes de partir para o Japão a intenção de comparar formas de como algo é ensinado no Estado de São Paulo e no Japão. Graças ao meu orientador, essa comparação acabou adquirindo um corpo e direções melhores. O que acabou se tornando uma comparação entre o currículo do ensino fundamental II (6º ao 9º) ano, com o currículo dos respectivos anos no Japão, assim como características de livros didáticos. As observações em sala de aula, infelizmente, devido a pandemia, não foram possíveis, portanto a comparação ficou apenas nesses pontos. Incrível como cada vez mais penso nos diferentes pontos que poderia ter abordado. Bate aquele arrependimento, mas pesquisar é isso, não é? Não há como englobar tudo de uma vez. Mas fiquei satisfeito com o resultado obtido, e se possível, gostaria de utilizar minhas observações para melhorar minha forma de atuação como professor.

Agradeço a oportunidade que tive através do Consulado Geral do Japão de São Paulo, principalmente em como sempre foram solícitos em relação a qualquer dúvida que tive durante o processo. Também a todos que me auxiliaram na Universidade de Toyama. E por fim, esse curso não exige, inicialmente, um nível alto de japonês, porém, caso esteja pensando em estudar no Japão, aprenda japonês, pois ir ao Japão apenas com Inglês, você corre o risco de se tornar um turista de longo prazo, mas sabendo japonês você consegue realmente viver dentro da sociedade, na medida do possível, e é assim que você realmente conhece uma cultura diferente.

É incrível como Toyama me dá uma sensação de Furusato (cidade natal), mesmo não sendo nascido lá. Realmente um lugar especial para mim.